

FORTIFICAÇÕES
E TERRITÓRIO
NA PENÍNSULA
IBÉRICA E NO MAGREB
(SÉCULOS VI A XVI) **Vol. II**

Coordenação de
Isabel Cristina F. Fernandes



Edições Colibri



Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

FORTIFICAÇÕES E TERRITÓRIO NA PENÍNSULA IBÉRICA E NO MAGREB
(SÉCULOS VI A XVI)

Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb
(séculos VI a XVI) / coord.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes. – (Extra-colecção)

2º v. – 380 p. – ISBN 978-989-689-374-3

I – FERNANDES, Isabel Cristina F., 1957-

CDU 904

Título: Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb
(Séculos VI a XVI) – Volume II

Coordenação: Isabel Cristina Ferreira Fernandes

Edição: Edições Colibri/Campo Arqueológico de Mértola

Capa e separadores: DCCT – Câmara Municipal de Palmela

Revisão dos textos: I. C. Fernandes; J. F. Duarte Silva; Patrice Cressier

Depósito legal: 368 239/13

Lisboa, Dezembro de 2013

«À Conquista do Castelo». Campo de investigação arqueológica do Castelo dos Mouros | Sintra – primeiros resultados

MARIA JOÃO DE SOUSA
PSML, S.A.

Introdução

A PARQUES de Sintra – Monte da Lua, S.A. (PSML) é uma empresa de capitais exclusivamente públicos, criada em 2000 no seguimento da classificação da Paisagem Cultural de Sintra como Património Mundial, a quem o Estado entregou a gestão das principais propriedades públicas aí situadas, nomeadamente os Parques e os Palácios da Pena

e de Monserrate, o Castelo dos Mouros e o Convento dos Capuchos.

A gestão do património natural e cultural confiado à PSML envolve a sua recuperação, manutenção e abertura ao público e desta forma têm vindo a ser desenvolvidos trabalhos arqueológicos nas áreas muralhadas do Castelo dos Mouros, que fundamentem as intervenções de valorização que estão a ser desenvolvidas, bem como deem a conhecer, de modo mais objetivo, as ocupações humanas do castelo, as suas fases construtivas e os espaços de vivência (Fig. 1).



Fig. 1 – Áreas de intervenção do projeto “À Conquista do Castelo” (PSML).

O Castelo e as evidências arqueológicas

O Castelo localiza-se num dos pontos mais elevados da Serra de Sintra, por entre o “caos” de blocos graníticos que constituem a maior parte desta Serra, evidenciando uma estratégia de controlo territorial, pelo domínio dos territórios a Norte e a Oeste (frente atlântica) e apresentando excelentes condições naturais de defesa.

Entre os anos de 1976 e 2000 realizaram-se trabalhos arqueológicos que vieram revelar a existência de

um habitat neolítico (SIMÕES, 1999); vestígios da Idade do Bronze (CARDOSO, 1997/98) e a existência de uma área consagrada ao armazenamento e conservação de alimentos, fora do recinto fortificado, de época islâmica (COELHO, 2000).

Com este conhecimento por base a PSML tem promovido, desde de 2009, campanhas arqueológicas no Castelo, tendo-se intervindo nos anos de 2009 e 2010 em seis sectores que possibilitaram um conhecimento abrangente das suas áreas (Fig. 2).

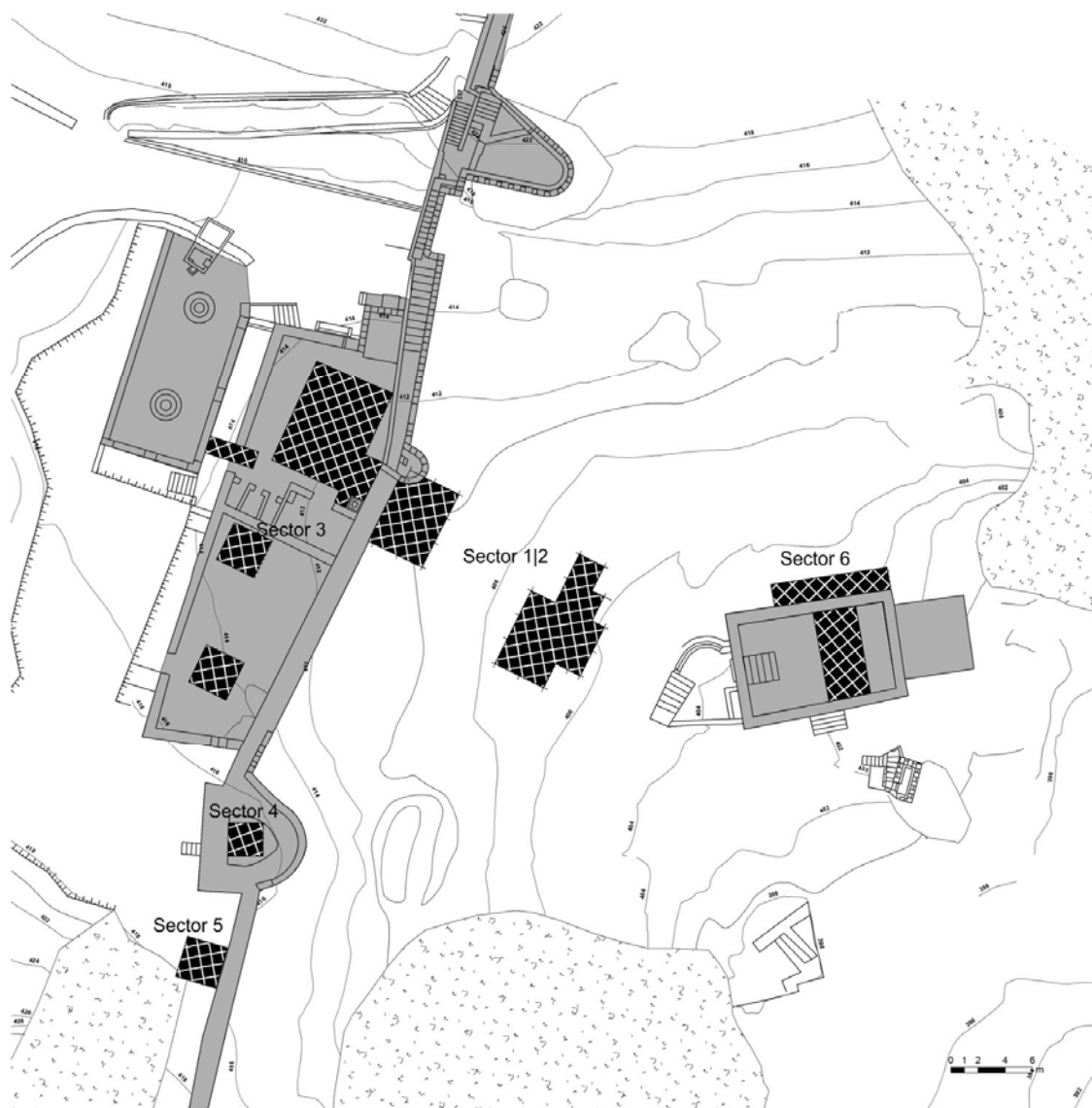


Fig. 2 – Sectores onde se realizaram trabalhos arqueológicos (PSML).

Sector 1

Os trabalhos realizados neste sector pretendiam, por um lado, entender o enrocamento da muralha no caos de blocos graníticos envolventes e, por outro, verificar a possibilidade de existirem estruturas adossadas à muralha (Fig. 3).

Foi possível identificar um canaleta constituído por telha de meia cana e cobertura de pedra, seme-

lhante aos identificados por todo o Parque da Pena e de provável construção no século XIX, para além de outras valas de infraestruturas de eletricidade, abertas mais recentemente.

Não se verificou a existência de quaisquer outras estruturas.



Fig. 3 – Sector 1 – Base da muralha (Maria João de Sousa/PSML).

Sector 2

Este sector foi o primeiro a ser intervencionado, ocupando uma vasta área que se estende desde o caminho fronteiro à porta Poente da Igreja, até a fachada nascente do Castelo.

As obras promovidas por D. Fernando II, em 1840, com vista à abertura do Castelo aos populares, terão danificado parte desta necrópole uma vez que tudo indica que, o caminho que conduz à porta do Castelo tenha cortado parte das inumações, que se deveriam estender em todo o adro da igreja. Aliás, durante estas obras, foram recolhidos diversos ossos humanos que então, terão sido depositados no memorial que o rei mandou erigir junto à igreja.

As escavações têm vindo a revelar diversas soluções de inumação, sendo a mais comum a sepultura escavada no granito em desagregação, coberta por toscas lajes de calcário (Fig. 4). Todavia registam-se também deposições em fossa simples e sepulturas estruturadas com pedras mais ou menos aparelhadas. Ocorrem ainda casos em que o indivíduo é apenas depositado sobre o afloramento e delimitado o espaço de sepulcro por pedras de granito de grande dimensão. Não é claro que as diferentes tipologias de sepulturas estejam relacionadas com cronologias diversas, embora muitos autores, têm vindo a defender que estas diferenças tipológicas possam estar mais relacionadas com o estatuto social da família do inumado e as reais possibilidades financeiras para executar a última morada do familiar.

Nas cerca de dez sepulturas escavadas nas campanhas entre 2009 e 2010, verificou-se que existia mais do que um indivíduo por sepultura e é relativamente comum adultos, crianças e adolescentes partilharem o mesmo espaço. (ANTUNES-FERREIRA *et al.*, 1999).

Os rituais funerários são aparentemente simples. Os indivíduos encontram-se em decúbito dorsal, com os braços ao longo do troco e as mãos assentes no ventre; os ossos de inumações anteriores encontravam-se acumulados na cabeceira ou na zona inferior da sepultura. Foram ainda escavados ossários que aproveitam estruturas negativas anteriores, que se veio a verificar serem silos da anterior ocupação islâmica (Fig. 5).



Fig. 4 – Sector 2 – Sepultura 2 (Maria João de Sousa/PSML).



Fig. 5 – Sector 2 – Sepultura 21 (Maria João de Sousa/PSML).

Esta necrópole encontra paralelos na região, nomeadamente nas necrópoles da Igreja de Santa Maria, na da Ermida de Nossa Senhora de Milides (AML, 2002; VVAA, 1998) e na da Ermida de São Saturnino (GARCIA, 1996).

É ainda de salientar que foram descobertas várias moedas que datam de entre os séculos XII e XIV, corroborando a prática conhecida durante a tardo-antiguidade e época medieval, de se enterrarem os mortos com uma moeda de modo a permitir o pagamento da viagem para “o além” (Fig. 15).

Durante as escavações deste espaço de enterramento verificou-se a existência de numerosos artefactos de cronologia neolítica e da idade do bronze, para além de materiais da idade média, o que demonstra a ocupação

de um mesmo espaço por várias comunidades humanas, ao longo de um espaço de tempo muito extenso.

Um dos achados mais relevantes surgiu durante a campanha de 2010, onde foi possível recolher um vaso completo nos limites exteriores de uma das sepulturas medievais (Fig. 6). Este vaso apresenta uma forma de “saco”, com asas bífidas e mamilado, sem decoração, típico das produções do V milénio a.C., constituindo um pequeno tesouro face à raridade deste tipo de exemplares no território português (Fig. 13).



Fig. 6 – Sector 2 – Sepultura 8 e vaso neolítico (Maria João de Sousa/PSML).

Sector 3

Entre Setembro de 2009 e Março de 2010 realizaram-se trabalhos arqueológicos no interior da fortificação nos espaços denominados por Antigas Cavalariças. Estes espaços, dois compartimentos confinados que se anexam à muralha Nascente, encontra-se no prolongamento da necrópole cristã, separados desta pelo pano de muralha.

O compartimento onde foi possível desenvolver mais trabalhos situa-se a Norte, perto da zona de entrada do Castelo, é constituído por quatro divisões para animais e no início dos trabalhos, por piso em terra compactada.

Com o desenrolar dos trabalhos verificou-se que a potência dos aterros era bastante elevada, adivinhando-se que o piso original, estaria bastante abaixo da cota que nos era apresentada (Fig. 7).



Fig. 7 – Sector 3 – Perfil Este (Maria João de Sousa/PSML).

Identificaram-se pelo menos dois níveis de pavimento em pedra, um dos quais rematado junto às paredes por uma valeta empedrada e o segundo composto por caldeiras para plantação de árvores ou pequenos canteiros, possivelmente construído durante as reformas de D. Fernando II, criando um espaço ajardinado de acordo com as opções estéticas do jardim romântico.

Com o alargamento das escavação foi possível verificar que a dado momento, os pavimentos foram destruídos pela abertura de uma vala para construção de uma galeria, a qual apresenta cerca de 1,40 m de altura e atravessa o compartimento de Oeste a Este, permitindo o escoamento de águas em excesso na cisterna (Fig. 8).



Fig. 8 – Sector 3 – Perfil Sul – Galeria de escoamento de águas da cisterna (Maria João de Sousa/PSML).

Sector 4

Nos trabalhos realizados na denominada torre oca não foram identificados quaisquer níveis arqueológicos conservados e pode-se observar que o interior da torre não apresenta quaisquer vestígios de assentamentos de estruturas que suportassem escadas, telheiros ou pisos, o que supõe tratar-se de uma construção interior de contenção de toda a estrutura exterior, uma vez que a cota de assentamento interior é bastante diferente da face exterior, assentando diretamente sobre o sedimento térreo.

Sector 5

Na sondagem efectuada junto ao postigo foi possível verificar que aqui existe um aterro de terras com cerca de 2 metros de profundidade. Estes aterros, parecem ter sido ali colocados ou século XIX ou já no XX (correspondendo à obras de D. Fernando II ou da DGMEN) e tiveram como intenção tapar esta abertura. Do que foi possível observar, o postigo apresenta indícios de ter sido inicialmente uma porta que posteriormente foi transformada numa pequena janela (Fig. 9 e 10).

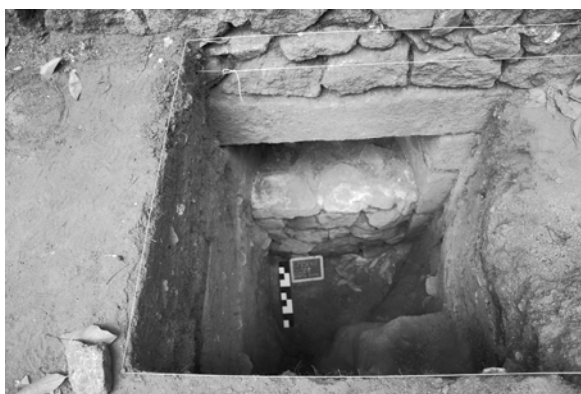


Fig. 9 – Postigo – vista interior da muralha nascente (Maria João de Sousa/PSML).



Fig. 10 – Postigo – vista exterior da muralha nascente (Maria João de Sousa/PSML).

Para melhor compreensão deste espaço terão de ser alargados os trabalhos de escavação ao exterior da muralha, de modo a compreender a base de assentamento deste pano da muralha e determinar a função inicial desta porta/postigo.

Sector 6

Fundada no século XII, após a tomada do Castelo, a Igreja de São Pedro de Canaferrim funcionou como igreja paroquial até pelo menos ao século XV, data atribuída à pintura mural existente na abside (SERRÃO, 1980), bem como à imagem de pedra, representativa de São Pedro, que hoje se conserva na Igreja Matriz de São Pedro de Penaferrim (PEREIRA 1975: 181-193) e que daqui terá provindo (RODIL e CARVALHO 1995: 13).

Em 1981 foi alvo de escavações arqueológicas que identificaram parte da necrópole que existiria em redor do templo (VVAA, 1998: 221-223) e em 2010 a PSML optou por desmontar o canteiro existente no interior, resultante da intervenção realizada por D. Fernando II no século XIX. A escavação desta área de canteiro possibilitou a determinação de cotas do pavimento original e, com a escavação no exterior, a identificação da área de necrópole, constituída por sepulturas cobertas por lajes de calcário (Fig. 11).



Fig. 11 – Sector 6 – Igreja de São Pedro de Canaferrim (Maria João de Sousa/PSML).

Espólio exumado

Os materiais recolhidos vieram revelar uma longa diacronia de ocupação do local, sendo os mais abundantes os fragmentos de cerâmica, entre os quais fragmentos de recipientes, cuja pasta e decoração se filiam nos contextos neolíticos já registados e um fragmento de fusaiola de provável contexto proto-histórico; fragmentos de recipientes cuja cronologia se integra na época de ocupação islâmica do castelo, entre os quais fragmentos que apontam para formas de diversas funções como panelas e púcaros, taças e jarros, telhas decoradas e digitadas.

Alguns dos fragmentos identificados apresentam vidrados, pintura a barbotina branca e decoração a verde e manganês. Salienta-se o aparecimento de um fundo de uma taça/escudela vidrada, de boa qualidade e provável importação (Fig. 12).



Fig. 12 – Fragmento de Taça/escudela (Maria João de Sousa/PSML).

Recolheram-se também várias malhas de jogo e fragmentos de cerâmica vidrada relacionada com ocupações tardo-medievais, modernas e contemporâneas.



Fig. 13 – Vaso Neolítico de Asas Bífidas (Matthias Tissot/Archeofactu).

Recolheram-se ainda cerca de 20 moedas medievais, da 1ª dinastia, cronologicamente atribuíveis aos séculos XII-XIV (Fig. 15) e vários objetos em metal sendo os mais significativos as pontas de virote de besta (Fig. 14), um projétil de arcabuz ou mosquete e uma fusaiola com decoração.



Fig. 14 – Virote de Besta (Matthias Tissot/Archeofactu).

Destaca-se ainda o aparecimento de várias lame-las, furadores, esquirolas e núcleos de sílex, conjunto coerente com os vestígios líticos exumados neste local para contextos neolíticos.



Fig. 15 – Moedas (Matthias Tissot/Archeofactu).

Considerações Finais

O Castelo encontra-se extremamente marcado a nível estético e arqueológico pela grande intervenção efectuada por D. Fernando II, na década de 40 do século XIX. Esta implicou não só a enorme campanha de reforestação da serra, dando origem ao aspecto que assume actualmente, como foi responsável por uma profunda remodelação do Castelo, que se transformou com as obras de “recuperação” das ruínas que ali foram realizadas. Efectivamente, o conceito estético do romantismo de que estava imbuído o espírito que norteou esta intervenção, foi responsável pela criação de novas “ruínas” que criavam espaços recônditos para deleite da população, e substanciais movimentações de terras para criar novos espaços e caminhos. De referir, a título de exemplo, o já exposto caso da necrópole medieval da igreja de S. Pedro de Canaferrim que foi parcialmente destruída com a construção do caminho de acesso ao Castelo, ou os aterros identificados no interior das Cavalariças.

Os dados actualmente disponíveis provenientes da Arqueologia apontam para que a primeira ocupação deste local tenha ocorrido no Neolítico Antigo/Médio (c. 5000 aC). A natureza da ocupação não se encontra ainda bem definida devido ao facto de também esta ter sido afectada com as obras de remodelação/conservação levadas a cabo desde o século XIX. A Idade do Bronze marca igualmente presença estando representada através de vários fragmentos de vasos e taças recolhidos. Todavia, destas duas ocupações não se conhece praticamente nada, pois, à excepção das peças cerâmicas referidas, não se identificaram quaisquer níveis arqueológicos conservados que permitam caracterizar minimamente estes períodos históricos.

A serra de Sintra terá assumido maior importância como posto de vigia quando o Emirado de Córdoba é assolado por ataques dos povos do Norte que se deslocavam por via marítima, atacando povoações costeiras e fluviais. A área do castelo terá representado então um importante ponto no controlo e no combate aos *majus* (vikings).

A Serra de Sintra possui todas as condições naturais para a fixação de populações e ainda acumula o

facto de controlar um território vasto o que proporcionou que se tornasse uma guarda avançada da cidade de Lisboa.

Estes primeiros resultados abrem perspectivas na

história do Castelo dos Mouros. Colocam, contudo, mais questões a que apenas os trabalhos futuros e o estudo exaustivo do espólio poderão vir a responder.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES-FERREIRA, N., CARDOSO, O., CUNHA, E., «Paleobiologia de um grupo populacional medieval de São Pedro de Canaferrim», *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. 9, UTAD, Vila Real, 1999.
- CARDOSO, João Luís, «O Povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra)», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 7, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 1997/98, p. 169-187.
- CARVALHO, António Faustino, «As mais antigas sociedades camponesas da Península de Lisboa (c. 5.200-4.500 cal BC)», *Cascais há 5000 anos*, Câmara Municipal de Cascais, 2005, p. 33-43.
- COELHO, Catarina, «A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, nº 1, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2000, p. 207-225.
- COELHO, Catarina, «O Castelo dos Mouros (Sintra)» *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 2002, p. 389-395.
- LAING, Samuel, «Chronicle of the Kings of Norway, translated from the Icelandic of Snorro Sturleson», vol. III, London, 1844.
- SALDANHA, António Nuno, «A capela de S. Pedro de Canaferrim, em Sintra. Contributos para o estudo de um monumento esquecido», *Aedificiorum*, Ano 1 – Junho, 1988.
- SERRÃO, V., «Um ignorado templo pré-romântico: A capela de S. Pedro do Castelo dos Mouros», *Jornal de Sintra*, 2382-2384, Abril – Maio, 1980.
- SIMÕES, T., «O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra)», *Actes del I Congrès del Neolític a la Península Ibérica*. Gavá: Museu. I (Rubricatum; 1), 1996, p. 329-336.
- SIMÕES, T., «O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da península de Lisboa», *Trabalhos de Arqueologia; 12*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 1999.
- SIMÕES, T., «A Ocupação do Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva», *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, *Trabalhos de Arqueologia; 25*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2003, p. 115-134.
- SLANE, William McGuckin e GEUTHNER, Paul (trad.), Ibn Khaldoun – *Histoire des Berbères et des dynasties musulmanes de l'Afrique septentrional*, Paris, 1978.
- SOUSA, A. D. de Castro e, *Investigação ao Castelo, situado na serra de Cintra, pelo Abbade A.D. de Castro e Sousa*, Typ. De A. J. C. da Cruz, Lisboa, 1843.
- VVAA., *Sintra Património da Humanidade*, Câmara Municipal, Sintra, 1998.